

As pistolas douradas de D. Pedro IV “desaparecidas”¹ por 36 anos

António Manuel Diogo Velez ^a

Resumo: Este artigo narra a curiosa trajetória de um par de pistolas que pertenceu a D. Pedro IV, também conhecido como o primeiro imperador do Brasil. Fabricadas artesanalmente em 1817, as armas foram roubadas do Museu Militar de Lisboa em 1973 e permaneceram desaparecidas por 36 anos. A investigação revela os caminhos percorridos pelas pistolas, que passaram por colecionadores estrangeiros e leilões internacionais, até serem finalmente recuperadas pela Polícia Judiciária portuguesa em 2009. Além de contar essa história surpreendente, o texto apresenta o contexto histórico de D. Pedro IV e destaca a importância simbólica desses objetos como parte da memória compartilhada entre Portugal e Brasil.

Palavras-chave: D. Pedro IV, História luso-brasileira, Patrimônio.

D. PEDRO IV (1798-1834) VIGÉSIMO SEXTO REI DE PORTUGAL

Rei de Portugal entre 1826 e 1834, D. Pedro IV², de cognome “o *Libertador*”, foi o primeiro imperador do Brasil. Viajou para o Brasil com a restante Família Real em 1807, logo após a primeira³ invasão francesa. Na sequência da Revolução de 1820, em Portugal, as Cortes determi-

nam o seu regresso à metrópole, mas D. Pedro recusa-se a embarcar para a Europa. Foi então que, como líder do movimento independentista, decide promulgar às margens do rio Ipiranga a independência do Brasil (1822), sendo depois proclamado imperador do Brasil.

Após a morte de D. João VI, seu pai, em 1826, D. Pedro é designado rei de Portugal pela regente D. Isabel Maria, e outorga

^a Coronel de Infantaria e Paraquedista do Exército Português. Associado Correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



aos portugueses a Carta Constitucional de 1826. Quis abdicar em favor de sua filha, D. Maria da Glória (futura rainha D. Maria II), mas a guerra civil travada entre liberais, liderados por D. Pedro, e absolutistas, liderados por seu irmão D. Miguel, que também pretendia o trono, adiou a coroação de D. Maria até 1834.

Fig. 1 – D. Pedro IV, rei de Portugal



Fonte: Wikimedia/Wikicommons

As Cortes de agosto de 1834 confirmam a regência de D. Pedro, que morre no mês seguinte, a 24 de setembro, quatro dias após o início do reinado de D. Maria II.

O coração do rei D. Pedro IV, que costuma estar guardado numa urna de madeira na Igreja de Nossa Senhora da Lapa, no Porto, foi pela primeira vez exposto ao público naquela cidade em 2022, seguindo depois para o Brasil, onde integrou uma exposição especial dedicada aos 200 anos da independência do país.

Quando o rei D. Pedro IV morreu, a 23 de setembro de 1834, deixou indicações de que queria confiar o coração “à heroica cidade do Porto, teatro da minha verdadeira glória”, recordando os momentos difíceis que ali passou durante a guerra civil entre liberais e absolutistas.

Apesar de o Brasil, onde foi o primeiro imperador, ter reclamado o corpo do monarca nos anos 1970, e de tê-lo sepultado no seu monumento à Independência, em São Paulo, o coração permaneceu no Porto, cumprindo o seu desejo.



AS PISTOLAS

Após 36 anos desaparecidas, duas pistolas feitas artesanalmente e que pertenceram a D. Pedro IV, o primeiro imperador do Brasil, foram recuperadas pela Polícia Judiciária de Portugal. No ano de 2009, a Polícia Judiciária de Portugal descobriu um par de itens históricos únicos que foram roubados mais de três décadas antes (Os artefatos tinham sido roubados do Museu Militar de Lisboa em 1973). Tratava-se de pistolas que haviam pertencido ao primeiro imperador do Brasil (Dom Pedro I).

Estas armas foram feitas em 1817 por um mestre de armas chamado Thomaz Jozé de Freitas⁴. Ele trabalhou no Arsenal Real de Lisboa, onde fazia equipamentos exclusivos para o imperador. Além de terem pertencido a um imperador, são um modelo clássico, exemplares (ver caixa na figura 2) únicos que têm canos de desenroscar para carregar a munição, fecho de pederneira e ornamentação com em-

butidos de ouro e gravações em prata, exibindo motivos vegetais estilizados e as armas do Reino Unido de Portugal e do Brasil.

Fig. 2 – A caixa contendo as pistolas de D. Pedro IV



Fonte: Wikimedia/Wikicommons

Até as pistolas de Dom Pedro IV voltarem para Portugal, todavia, fizeram uma viagem muito curiosa.

A SAGA DAS PISTOLAS

Segundo foi registrado pelo boletim policial da época, o ladrão dos objetos realizou o ato



durante uma noite em que se escondeu atrás de um grande relógio que havia dentro do museu, esperou o local fechar, e então afanou os itens mais próximos de seu esconderijo. No dia seguinte, esperou o momento apropriado e saiu dali como se nada tivesse acontecido, utilizando uma corda para passar as armas e para descer do primeiro andar do Museu Militar.

Embora o criminoso tenha sido capturado quatro anos após seu crime infame e condenado à prisão, já não tinha os artefatos em sua posse. Conforme confessou à polícia, eles haviam sido vendidos para um colecionador alemão.

Esse foi o início de uma saga de décadas. Antes de ir parar no leilão português, as armas passaram no leilão da *Christie's* em Londres (as pistolas estiveram referenciadas em catálogo). O vendedor, nesse caso, era um homem alemão.

Especificidades Técnicas

Pistola portuguesa com fechos de pederneira, "Arsenal Real do Exército - 1817", cal. 12mm.

Descrição

Pistola da Casa Real Portuguesa, datada de 1817 com cano de desenroscar, para carregamento, com fina decoração embutida a ouro de motivos vegetalistas estilizados e aves.

Fecho central de pederneira, dito de caixa, com decoração embutida a ouro, semelhante à do cano, tendo, de cada lado da caixa, reservas ovais, envoltas por serpentes embutidas a ouro, o nome do mestre armeiro "THOMAS JOZE DE FREITAS", de um lado, e do outro, "ARCENAL REAL DO EXERCITO LX.A 1817", na parte inferior da caixa, junto ao cano, oval, em ouro, com o nome do mestre gravador "AN.TO JOAQ.M DE FIG. DO GRAV" (António Joaquim de Figueiredo).

Cão do tipo de argola, igualmente embutido a ouro assim como o fuzil e tampa da caçoleta, tendo esta última, pequeno rodízio em latão, para diminuir a fricção aumentando assim a velocidade do disparo, patilha de segurança ao



cão, igualmente embutida a ouro, que não permitia a colocação, acidental, do cão na posição de disparo, evitando, também, a abertura da tampa da caçoleta.

Coronha em madeira, profusa e finamente decorada a fio de prata embutido, com motivos vegetalistas estilizado e cabeça de dragão e as Armas do Reino Unido de Portugal e Brasil, igualmente em prata. Chapa de couce em aço, azulado, com decoração embutida em ouro, de motivos vegetalistas e mascarões.

Embora as autoridades de Portugal tenham tentado reaver os itens nessa ocasião, que ocorreu no ano de 1991, o sujeito afirmou que os objetos eram uma herança de família. A Justiça da Alemanha, por sua vez, decidiu que o par de objetos havia sido adquirido por meio de métodos legais, de forma que não ocorrera nenhuma infração.

Foi apenas mais tarde que as armas históricas passaram às mãos de um colecionador português. Desta vez, quando foram colocadas à venda em um segun-

do leilão⁵, a polícia de Portugal teve jurisdição para intervir, e devolveu as preciosas raridades ao seu legítimo proprietário.

Fig. 3 - As pistolas recuperadas são únicas, com canos de desenroscar para carregamento, fechos de caixa e rica ornamentação com finos embutidos de ouro e prata.



Fonte: Wikimedia/Wikicommons



NOTAS

¹ O ladrão assaltou o Museu Militar apenas para provar que conseguia, e esteve preso metade de sua vida.

² Este monarca português foi o segundo filho varão de D. João VI e de D. Carlota Joaquina. Nasceu em Queluz, em 12 de outubro de 1798, onde também faleceu, em 24 de setembro de 1834.

³ Os franceses, comandados pelo general Junot, entraram em Portugal pela região da Beira Baixa a 19 de novembro de 1807, e foram derrotados em agosto de 1808 por forças luso-britânicas, sob o comando do general Arthur Wellesley.

⁴ Armeiro conceituado na Lisboa de oitocentos, tinha-se esmerado nas duas armas que o rei lhe encomendou, para seu uso pessoal.

⁵ O local onde os valiosos artefatos foram encontrados surpreendeu, afinal, era uma famosa casa de leilões portuguesa, chamada de *Palácio do Correio Velho*. Os objetos furtados fariam parte de um dos lotes mais caros da noite: o lance mínimo para levar as armas para casa era 100 mil euros. As pistolas eram o lote 38, e o *Correio Velho* não revelou quem era o vendedor das armas.